

**GOTTSCHALL, JONATHAN. THE STORYTELLING ANIMAL: HOW STORIES MAKE US HUMAN. BOSTON, NEW YORK: HOUGHTON MIFFLIN HARCOURT, 2012, p. 248.**

*Marcus Assis Lima\**

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

O autor é professor de Literatura Americana na Washington & Jefferson College, na Pensilvânia. Esse seu mais recente trabalho procura responder uma pergunta básica: contar uma estória é apenas uma diversão e um passatempo ou tem alguma função biológica e, portanto, alguma função para espécie humana? Para tanto, o autor busca em diferentes cantos da história, da psicologia social, da neurociência e da biologia evolucionista fundamentos científicos para celebrar o fato de que temos o impulso de narrativizar tudo que ocorre a nossa volta. Você sabia que, quanto mais estamos absorvidos em uma narrativa, mais ela modifica nossos comportamentos? Que todas as crianças, tenham nascido na favela ou em berço de ouro, contam o mesmo tipo de histórias? Que “diferenças nas habilidades sociais são mais bem explicadas levando-se em conta o tipo de leitura que as pessoas fazem”? (p.66). Como ele salienta, estamos atolados nas narrativas. Mas por quê?

Ele parte do princípio de que “somos, como espécie, viciados em narrativas. Mesmo quando o corpo vai dormir, a mente continua alerta durante todo o sono, contando histórias a ela mesma” (p. xiv). Com interessantes e surpreendentes argumentos sobre a atividade narrativa, na qual, segundo ele, passamos mais tempo imersos em mundos ficcionais que no mundo real, seja nos sonhos, nos romances, nos filmes, nos videogames ou quando criamos narrativas de vida, Gottschall desenvolve seus argumentos a fim de demonstrar “como as histórias saturam as nossas vidas, como a ficção sutilmente modela nossas crenças, comportamentos, éticas – como ela, de maneira poderosa, modifica a cultura e a história” (p. vxii). Nessa trilha, ele procura mostrar como o “Homo fictius” se tornou um animal narrador e como essa atividade, que tem um alto custo em termos de energia e tempo, é uma adaptação evolucionária crucial.

Gottschall afirma que a mente humana não apenas foi “moldada para a ficção, mas que ela foi moldada pela ficção” (p. 56). Afinado com outros teóricos literários evolucionistas, procura demonstrar que as narrativas são o local para onde as pessoas vão para praticarem habilidades-chave para a vida humana social: “A experiência vicária de baixo custo, especialmente a experiência emocional, é a principal beneficiária da ficção” (p. 57), ou seja, “a ficção é uma realidade virtual ancestral que se especializou

---

\* malima@uesb.edu.br

na simulação dos problemas humanos” (p. 58), corroborando a metáfora da psicóloga Keith Oatley, para quem as narrativas são “simuladores de voo” da vida social humana.

Ele advoga que a imaginação é uma ferramenta maravilhosa, pois, enquanto os corpos estão bloqueados no “aqui e agora”, ou seja, “em qualquer momento que a mente não esteja ocupada em alguma tarefa que a demande, ela estará descansando e irá escapar para a ‘Terra do Nunca’” (p. 11). As memórias que usamos para formar nossas narrativas de vida são marcadamente ficcionalizadas e muitos psicólogos sociais mostraram que, quando encontramos algum amigo, nossas conversas consistem, principalmente, de narrativas imaginárias: “Quando perguntamos a um amigo ‘O que há de novo?’, iniciamos um agenciamento de narrativas que vão e vêm durante xícaras de café ou garrafas de cerveja, inconscientemente moldando e acrescentando detalhes de modo a fazer nossa narrativa vívida” (p. 18).

Segundo Gottschall, “o escritor deita palavras, mas elas são inertes. Elas necessitam de um catalizador para ganharem vida. O catalisador é nossa imaginação” (p. 6). A imaginação/ficção, então, seria uma poderosa e antiga ferramenta de realidade virtual que estimula os grandes dilemas da existência humana, de modo que a ficção permitiria ao nosso cérebro treinar reações aos tipos de desafios que são, e sempre serão, cruciais para o nosso sucesso como espécie animal. Por isso, quando dormimos, vagueamos por uma dimensão alternativa da realidade. Se o romancista John Gardner compara as narrativas ficcionais a “vívido e contínuo sonho”, Gottschall defende que seria mais acurado dizermos que “os sonhos são uma vívida e contínua narrativa” (p. 69). De fato, os sonhos são narrativas noturnas: eles focam em protagonistas – geralmente o sonhador – em uma luta para lograr algum êxito. Não deixa de ser interessante perceber, por exemplo, que pesquisadores dos sonhos costumam fazer uso dos mesmos termos caros aos estudos das narrativas, como *plot*, tema, personagem, cena, ponto de vista, perspectiva. Mas, mesmo quando acordados, nossas mentes estão sempre contando histórias e, por isso, o autor defende que narrar é uma adaptação evolucionária crucial, pois ela permite que experimentemos nossas vidas como coerentes, ordenadas e cheias de significado: “É ela que faz com que a vida não seja uma enorme confusão” (p. 102). A “mente narrativa” é viciada em significados. Se ela não consegue encontrar um padrão de significados no mundo, ela irá tentar impor um padrão, ela é como uma fábrica que descarta muitas narrativas verdadeiras quando pode, mas que “também pode fabricar mentiras quando não encontra verdades” (p. 103): “Não nos sentimos preparados quando não temos uma narrativa (para contar) e, por outro lado, trabalhamos intensamente para impor uma estrutura narrativa a uma experiência sem sentido” (p. 108). Por isso, “se você quiser dominar a mente de alguém, tente contar-lhe uma história” (p. 118). O autor defende que “as narrativas continuam a manter sua antiga função de apostar na sociedade por meio do reforço de um conjunto de valores comuns e por alargar os laços de uma cultura geral” (p. 137), de modo que “as narrativas são o cimento social da sociedade”, e, sejam sagradas ou profanas, “são a principal força coercitiva na vida humana” (p. 138).

Gottschall nos lembra que muitos críticos argumentam que os livros de memórias são fraudulentos, ou seja, os memorialistas não estariam contando histórias verdadeiras, mas histórias verossímeis, de modo que todas as biografias deveriam vir com um alerta

dizendo “Este livro é baseado em fatos reais”. Uma estória de vida não é um relato objetivo, sendo ela estruturada como uma narrativa “repleta de esquecimentos estratégicos e significados habilmente narrados” (p. 161). Ele defende que uma estória de vida seria uma “mitologia pessoal” sobre quem somos – de onde viemos, como chegamos aonde chegamos; são quem somos e formam nossa identidade. “Essa estória que estou contando de mim é vagamente baseada em fatos reais. Sou em parte apenas uma ilusão de minha própria imaginação” (p. 162). Baseado em experiências realizadas pelos psicólogos Roger Brown e James Kulik, que cunharam a expressão “memórias-relâmpago” (flashbulb-memories), o autor mostra que a memória não é uma ficção; ela é apenas uma ficcionalização” (p. 169). Para ele, uma mente saudável conta a ela mesma mentiras superficiais, e se ela “não mente sobre si mesma, não é uma mente saudável” (p. 174).

Segundo o autor, talvez estejamos lendo menos que no passado, mas isso não quer dizer que estamos a esquecer a ficção (isso, por exemplo, se pensarmos na profusão de programas televisivos e redes sociais virtuais, que procuram ‘mostrar a vida acontecendo’ – os ‘reality shows’ ou ‘reality TV’), mas que, apenas, “as páginas foram simplesmente suplantadas pela tela” (p. 8). Assim, ele mostra que a ficção pode servir para um monte de coisas: a) alguns pensadores, incluindo o próprio Darwin, argumentaram que a fonte evolucionária das narrativas tem um componente de seleção sexual, não de seleção natural. Em outras palavras, talvez as narrativas (e outras formas de arte) não sejam apenas uma obsessão por sexo; talvez elas sejam maneiras de “obter sexo ao ornamentarmos certas habilidades que possuímos, como a inteligência e a criatividade – as qualidades de nossa mente” (p. 27); b) as narrativas podem ser uma forma de “brincadeira cognitiva” (p. 27).; c) as narrativas sejam um recurso informativo ou uma experiência vicária de baixos custos (p. 152); d) as narrativas sejam uma forma de cimento social que une as pessoas em torno de valores comuns (p. 67). Entretanto, ele mesmo alerta, “as narrativas podem não valer nada, pelo menos em termos biológicos” (p. 28), mas, mesmo assim, ele acredita que elas são como “uma droga que tomamos para escapar da mesmice e da brutalidade da vida cotidiana real” (p. 29).

Em sua linha evolucionista de argumentos, Gottschall acredita que as narrativas, como os organismos biológicos, também evoluem, adaptando-se de acordo com demandas do ambiente. Ele usa alguns exemplos, como o da poesia, que, para ele, ao contrário do que muitos críticos defendem como a “morte da poesia” nos últimos cinquenta anos, ela estaria evoluindo na forma de canções (musicais): “Do mesmo modo que há um temor na morte das coisas, há um temor no surgimento de outras” (p. 182). Outro exemplo vem dos videogames: “eles representam um movimento à parte das narrativas ou eles são apenas um estágio na evolução dessas narrativas?” (p. 182). Segundo ele, estudiosos das narrativas dos videogames mostram que eles “estão organizados em uma estrutura gramatical familiar”, qual seja, “a estrutura na busca pela solução de problemas e na justiça poética” (p. 182). Ou seja, estamos vivendo uma nova maneira de narrar, em que as convenções estão ainda sendo descobertas e refinadas.

Nessa lógica, ele discute, ainda, o modo como assistimos à televisão e como essa maneira vem sendo modificada, embora a televisão continue sendo, como ele afirma, uma “tecnologia de oferta de narrativas” (p. 183). Ele argumenta que, embora muitos críticos vejam o surgimento dos “reality shows” como um sinal do fim da ficção, quiçá

mesmo da civilização como a conhecemos, esses programas são, nada mais, “um novo modo de ficção, onde as mentiras e distorções acontecem principalmente no momento da edição, não no momento de sua redação” (p. 183). Para ele, o modelo tradicional de ficção não está com os dias contados e uma gramática narrativa universal não mudará, embora acredite que “contar uma estória irá dirigir-se para uma nova direção nas próximas décadas” (p. 190). Em relação a essa “gramática universal”, Gottschall busca argumentos no linguista Noan Chomsky, que mostrou que toda linguagem humana partilha similitudes estruturais básicas – uma gramática universal. Fazendo paralelo com isso, Gottschall argumenta que “há uma gramática universal no mundo ficcional, um padrão profundo de heróis confrontando problemas e deparando com batalhas por vir. (...) As narrativas, de modo universal, focam nos grandes embaraços da condição humana. Narrativas são sobre sexo e amor. Elas são sobre o medo da morte e as mudanças da vida. E elas são sobre poder: o desejo de adquirir influência e de escapar da subjugação” (p. 55).

De modo que os seres humanos teriam evoluído para desejarem fortemente as narrativas e esse desejo tem sido um enorme benefício para todos nós: “As narrativas nos dão prazer e instruções. Elas simulam mundos de modo que possamos viver melhor no mundo real. Elas nos ajudam a criar laços comunitários e a definir nossa cultura. As narrativas foram uma dádiva para nossa espécie” (p. 197). Para ele, do mesmo modo que as tecnologias evoluem, nossas narrativas – ubíquas, imersivas e interativas – podem se tornar perigosamente atrativas. Assim, a grande ameaça não seria a possibilidade das narrativas sumirem da vida humana, “a grande ameaça é a possibilidade das narrativas tomarem conta de nossa vida completamente” (p. 198).

Finalizando, para além da profundidade, originalidade e acuidade com que o autor defende e discorre sobre as possibilidades evolucionárias da ficção, seu livro é de tremenda leveza literária, sendo livro de não ficção profundo e ao mesmo tempo utilizando uma narrativa refrescante, instigante e completamente apaixonante. 

Recebido em 2 de maio de 2013  
Aprovado em 10 de dezembro de 2013